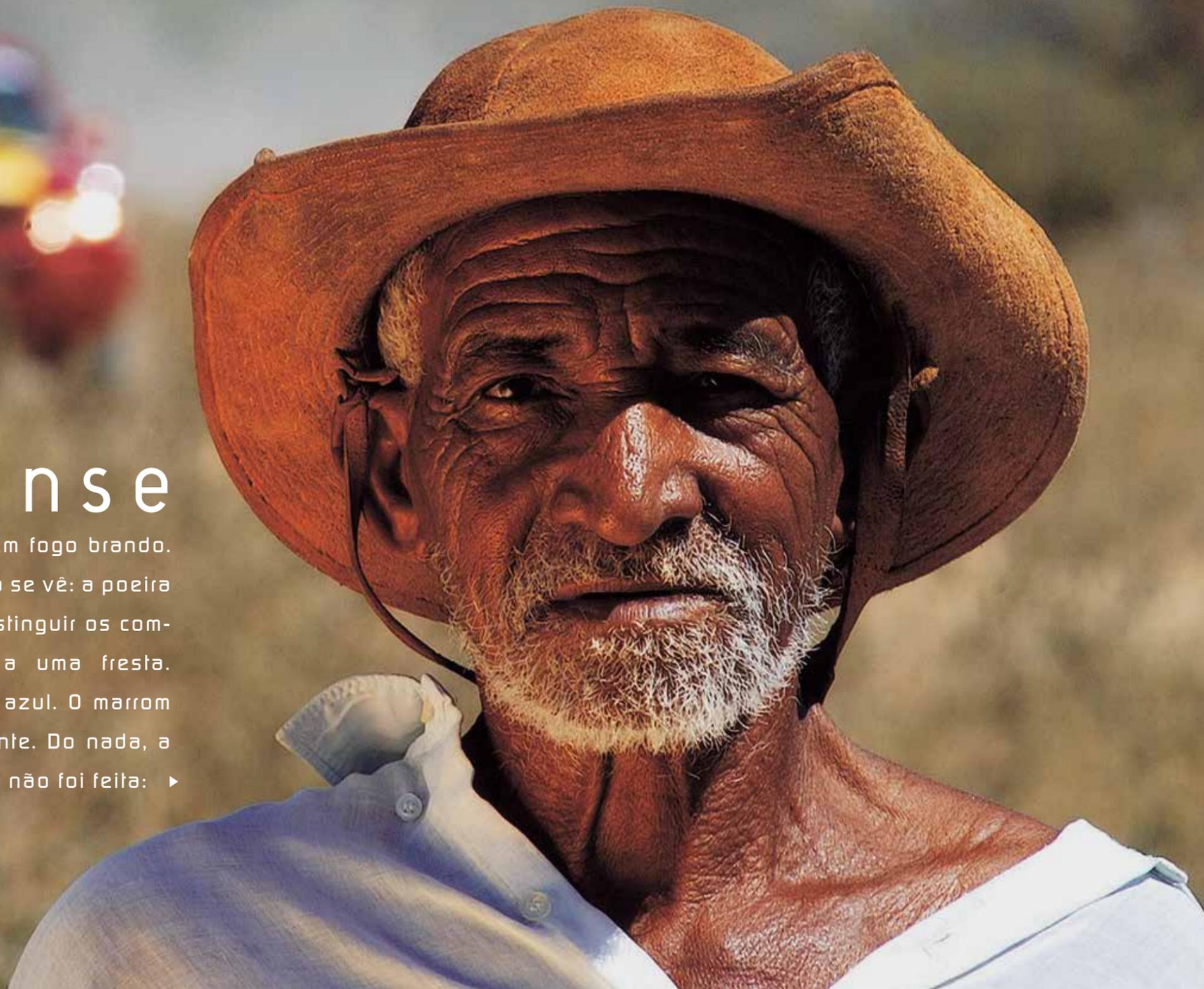


01...

Terra em transe

Implacável, o calor torra a cabeça. Cozinha as idéias em fogo brando. Sob o sol da caatinga, razão e emoção se fundem. Pouco se vê: a poeira e a luz acachapante enrugam os olhos. Mal dá para distinguir os competidores do rali dos Sertões. A visão limita-se a uma fresta. O verde é cacto. O branco é nuvem pregada no fundo azul. O marrom é chão, parede de pau-a-pique, árvore estorricada, gente. Do nada, a resposta – quase em outro idioma – a uma pergunta que não foi feita: ▶

Por Décio Galina | Fotos Tadeu Fessel





Helicóptero quase na estrada e carro voando baixo. O sertanejo não teve dúvida: era o começo

da guerra. E não seria ele a testemunhar a batalha final. Trancou a casa e fugiu para o mato

“

Se durmo sem rezar, sonho com um boi correndo atrás de mim”, conta Flávio Francisco Crispim, 65 anos, baiano de Caetité. “Um dia, acordei assustado, saí voando com a coberta e bati o nariz na mesa...”

Hã? O quê? Antes que eu entrasse em sintonia com a mesma frequência de seu Crispim, um estrondo interrompe o bate-papo. Um monstro trovejante voa pela esburacada estradinha de terra onde, em dias normais, até os jegues perambulam com cautela. Nessa vicinal do sudoeste da Bahia, porém, não se trata de um dia qualquer. É dia de corrida no quintal de casa. Dia de sons e cores diferentes. Dia do 10º Rally Internacional dos Sertões. Uma competição gigante que, em nove dias, desloca um comboio de mais de 1.100 pessoas – competidores, imprensa, equipes de apoio e organização. São 4.400 quilômetros de Goiânia (GO) a Fortaleza (CE), cortando

os Estados de Goiás, Minas Gerais, Bahia, Piauí e Ceará.

No meio do trecho Janaúba (MG)–Bom Jesus da Lapa (BA), o rali se entrelaça com a vida da família de seu Crispim. Um sem-número de filhos, netos e sobrinhos se esgoela com a passagem das máquinas. O patriarca tem outra atitude. Enrola o fumo alagoano Jangadeiro e pita um cigarro atrás do outro. “Aqui não é mole, não”, diz. Solta a fumaça, observa a casa sem água, sem luz nem esgoto. E sentencia: “A vida é essa”. Mas nada de drama. Seu Crispim vive ali por causa da mulher – e dele também, ora. “Ela não gostou de morar na cidade grande”, explica. “Prefere aqui, que é mais sossegado.”

O cavalo Preguiçoso que o diga. Não se mexe de jeito nenhum. Não dá a menor bola para a balbúrdia provocada pelo uivo dos motores, que passam roncando a 160 quilômetros por hora. ▶



HAROLDINO NOGUEIRA

Seu Crispim
e Preguiçoso.
“Aqui, a
vida é essa”



“Tinha uma égua de raça, mas ela não comia qualquer coisa e estava emagrecendo”, comenta seu Crispim. “Vendi a égua por 60 reais e comprei o Preguiçoso, que come de tudo, por 40”, contabiliza, feliz da vida. Preguiçoso é exceção. Talvez seja o único ser vivo por ali que ignora a competição.

Enquanto seu Crispim dá baforadas tranquilas, conta o “causo” de um conterrâneo que viveu seu cristo-jesus. Ao vislumbrar pela primeira vez o exército de máquinas coloridas avançando velozes entre os mandacarus; os helicópteros e o avião baixando do céu feito gaviões de metal, o amigo não teve dúvida: era a guerra. E, oxê!, não seria ele quem iria testemunhar a batalha final. “Corre, comadre, que a desgraça é certa!”, gritou para a vizinha. Fechou as janelas, trancou a porta por fora – e sumiu no mato.

“Treino coletivo para o Paris-Dacar”

Romper o cerradão e abrir caminho no peito e na raça, diga-se a bem da verdade, não é privilégio do amigo de seu Crispim – ainda que sua história tenha entrado para o anedotário da competição. No trecho em que o rali mais se aproximou do inferno, de Xiquexique, Bahia, a Floriano, Piauí, teve dupla que preferiu enveredar por outros caminhos a peitar o areião, eleito o bicho-papão da prova. “O chão estava fofo demais”, lembra Klever Kolberg. “E achamos mais prudente ir pelo mato.” Ao lado do navegador Lourival Roldan, Klever pilotou uma picape Mitsubishi L200 Evolution.

A tática, embora ousada, funcionou. A dupla digeriu bem o osso mais duro de roer do Sertões. Dois dias depois, na praia de Cumbuco (CE), Klever e Lourival conquistaram o vice-campeonato, apenas 8 minutos e 32 segundos atrás de Édio Fuchter e Milton Pereira (Chevrolet). “Foi um rali competitivo e fácil ao mesmo tempo”, analisa Klever. “O mais importante é que serviu como um treino coletivo para o Paris-Dacar.” Na última edição do mais famoso – e mais perigoso – rali do mundo, a Mitsubishi não só venceu como colocou 9 carros entre os 10 primeiros lugares. ▶



A L200 Evolution dos vice-campeões Klever Kolberg e Lourival Roldan: “O rali foi competitivo e fácil”, diz o piloto

No Sertões, a Mitsubishi contou com 47 duplas entre as 73 que largaram. Resultado: emplacou 14 dos 20 primeiros lugares. E obteve ainda o melhor índice de carros que iniciaram (47) e completaram a maratona (34) – um aproveitamento de 72%. A confiança na resistência de seus veículos fez com que a organização do rali utilizasse 57 Mitsubishi L200 – 15 para transporte da imprensa e 42 para as equipes técnicas.

Cumbuco testemunhou a alegria de Mariana Becker e Tami Reis por haverem terminado a prova. A repórter da TV Globo e a navegadora mal pararam sua Mitsubishi L200R e se jogaram, de macacão e tudo, no mar cearense. Festejaram como em noite de réveillon. “Depois de acelerar a Mitsubishi L200R, descobri um novo prazer na vida”, conta Mariana. “O mais fantástico foi quando dominei o carro e senti que poderia ‘botá-lo de lado’ nas curvas.”

Os empresários mineiros Ulisses Marinzack e Miceno Rossi também pareciam crianças brincando na areia de Cumbuco, de tão felizes. Amigos desde os tempos de autorama, eles foram os campeões da categoria Novatos (na qual deu Mitsubishi do 1º ao 11º lugar) e do concorrido Troféu L200R. A categoria monomarca, exclusiva da Mitsubishi, teve 24 inscritos. Todos de olho no único prêmio em dinheiro do Sertões: R\$ 32 mil no total – R\$ 8 mil para a dupla campeã e R\$ 6 mil para os colocados entre segundo e quinto lugares. “Em 1997, quase morri num acidente de moto – mas voltei a competir de L200R”, lembra Miceno. A seu lado, Ulisses vibrava. “Quando Miceno se acidentou, fiquei muito mal, pois fui eu quem insisti para ele sair de moto”, conta. A vitória, no entanto, marcou a “volta por cima” da dupla. E provou: quem chega até o final do Sertões é, antes de tudo, um forte. 